Fanatismo: destino da pulsão. Adversário da cultura?

Augusta Gerchmann¹
Carlos Augusto Ferrari Filho²

Resumo: Os autores se propõem a debater as consequências do HILFLOSIGKEIT (desvalimento) na constituição psíquica do sujeito e suas consequências no processo civilizatório, relacionando-o com fanatismo e ecletismo. Descrevem uma possível relação do pensamento fanático e fundamentalista com a pulsão de dominação, uma das manifestações da pulsão de morte. Referem-se, por outro lado, ao fato de que, quando pela via da repressão e sublimação, a pulsão de destruição não é predominante e desenvolve-se o pensamento eclético, o sujeito amplia sua capacidade de convivência social dentro da diversidade.

Palavras-chave: Ecletismo. Fanatismo. Fundamentalismo. Pulsão de morte. Pulsão de vida.

Os nossos inimigos são apenas aquilo que odiamos em nós próprios e que exteriorizamos, projetado no idioma simultaneamente familiar e incompreensível da alteridade.
(Donskis, 2003)

1 Introdução

1 Psicóloga. Psicanalista. Membro Titular e Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).

2 Psiquiatra. Psicanalista. Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Os riscos do crescente e eloquente fanatismo nos levam a propor, ao longo deste trabalho, o exame das vicissitudes do processo civilizatório no contemporâneo, um produto da conjunção entre Eros e Tanatos que, ao mesmo tempo em que faz caminhar a humanidade, coloca-nos, enquanto espécie, sob risco de adoecimento e, talvez, de desaparecimento. Como sempre, desde os primórdios da cultura, o que está em jogo é a capacidade de adaptação e sobrevivência da subjetividade do ser humano, tanto em relação aos ataques internos – excesso de pulsões destrutivas, quanto no que diz respeito aos perigos externos – cultura excessivamente narcísica.

O pensamento fanático, marcado no conteúdo pelo ardor religioso e na forma pelo entusiasmo à ideia única na condição de verdade absoluta, como objeto de estudo da filosofia contrapõe-se ao ecletismo, o qual se caracteriza pelo esforço para lidar de maneira abrangente com o conjunto das diferentes doutrinas ou blocos do conhecimento. Nessa polaridade onde se contrapõem diversidade e ideologização do pensamento, discutir-se-á a hipótese de que, à luz do conhecimento psicanalítico, o retorno do fanatismo – desligamento, desconexão entre ideias – poderia ser compreendido como sintoma de um fenômeno complexo, qual seja, o de que, mais uma vez, a humanidade vive um tempo excessivamente matizado pela pulsão de morte. Por via de consequência, dir-se-ia que esse fenômeno registra também a falha, ou pelo menos insuficiência, dos elementos estruturantes do ecletismo, que sendo força de ligação criativa no campo das ideias, ou seja, a serviço da pulsão de vida, opera no sentido do processo civilizatório. Descrever-se-á, nesse contexto, uma possível compreensão para o incremento do fenômeno do fanatismo, a partir de alguns elementos do conhecimento psicanalítico.

2 A virada do século XIX: momento de radicalização

O fanatismo ideológico nos movimentos de massa do século XX é bem exemplificado pela Revolução Russa: os graves problemas econômicos, políticos e sociais que se intensificaram na sociedade russa, associados à sua participação fracassada na Primeira Guerra Mundial, levaram à revolta da população contra a tirania e o descaso do Czar Nicolau II e da elite aristocrática. É nesse contexto que o marxismo encontrou campo fértil para criticar a ideia do capitalismo, descrevendo-o como um sistema injusto que gera pobreza, miséria, desigualdades e injustiças sociais. No entanto, o que se seguiu, em lugar de promover uma república de cunho liberal, foi a imposição de um Estado Socialista – sob a

liderança de Lênin – que se transformou rapidamente em ditadura do Partido Comunista, um regime intolerante à oposição política.

Mussolini, líder italiano messiânico e populista, baseando-se numa filosofia política socialista, mas adotando ideologia e ações fascistas, consegue a adesão dos militares e de grande parte da população descontente. O novo regime, progressivamente, transforma-se em um corporativismo nacionalista. Ao conquistar e concentrar todos os poderes administrativos em suas mãos, Mussolini silencia a oposição, persegue sindicalistas, socialistas, intelectuais e dissidentes. Restringiu o estado de direito e atacou a liberdade de expressão. Foi no nazismo de Hitler que ele encontrou suporte político e poder bélico para defender e expandir seu projeto totalitário.

O nazismo, ideologia criada e defendida pelo Partido Nacional Socialista dos trabalhadores alemães, foi, por sua vez, a expressão do fanatismo nessa nação. O *nacional-socialismo*, redefinição nacionalista alemã do conceito de socialismo, apresenta-se como alternativa tanto à expansão do marxismo russo quanto aos alegados perigos do *capitalismo selvagem* ocidental. No entanto, como se sabe, ao tomar conta de uma nação, essa perversa estrutura de poder resultou no maior genocídio da história da humanidade no qual judeus, opositores políticos e todos os elementos considerados indesejáveis pelo regime foram exterminados. Ao apagarem-se as luzes do conflito, quando a vitória americana contra o Japão era só questão de tempo, as bombas atômicas lançadas sobre o território inimigo (1945) arrasaram as cidades de Hiroshima e Nagasaki, um fato que testemunha a utilização do maior potencial concentrado de destruição na história da humanidade.

Esses episódios disruptivos de natureza totalitarista, por que não dizer fundamentalista, não podem ser compreendidos à luz da compulsão a repetição, fenômeno tantas vezes reencenado na história da humanidade? Em o *Mal estar da civilização* (1930[1929]), em um dos ensaios, Freud nos apresenta sua compreensão da cultura a partir de um viés metapsicológico e descreve a eterna luta entre a pulsão do primitivo da espécie, que busca descarga, tornando-se pulsão de apoderamento e destrutiva, e a repressão, mecanismo que, ao garantir as condições para a ocorrência do processo civilizatório, de certa forma inaugura as condições para que o homem viva em uma cultura que aspira a elevar-se como humanista. No entanto, o próprio Freud em seus últimos ensaios (*Análise terminável e interminável; Por que a guerra?*), considerados textos sociais pela sua preocupação com o sujeito e sua inserção na cultura, é impregnado por um realismo pessimista ao questionar-se sobre a capacidade evolucionista do caráter humano, lembrando que a destrutividade é ocorrência perene da nossa espécie.

3 Uma breve resenha a partir do vértice psicanalítico

No *Projeto para uma psicologia científica* (1950[1895]), onde Freud descreve um modelo de aparelho psíquico e é destacada a condição de *HILFLOSIGKEIT*³, característico do bebê humano em seu nascimento, ele discute a importância fundamental da função materna tanto para a sobrevivência biológica quanto para o surgimento do psíquico. É a partir das experiências de satisfação-frustração dentro da matriz narcísica bebê-função materna, ou seja, é através do ir e vir entre sujeito e objeto que se abrem caminhos possíveis tanto à elaboração das pulsões de natureza destrutiva como também para o desenvolvimento da capacidade de representar simbolicamente aquele real traumático do *hilflosigkeit* inicial.

A capacidade de amar, como aduz Freud (1905, 1913, 1914, 1930), resulta do abandono ou de certa relativização do narcisismo no interior do Eu. Por outro lado, no indispensável caminho em direção ao investimento do objeto, é o interdito paterno que protege a subjetivação do sujeito. Ou seja, é a introjeção da lei paterna que faz o papel de fiador da humanização frente às vicissitudes da constelação edípica. Preservada a capacidade de amar, seja ainda dentro do polo narcísico, seja na dimensão do reconhecimento da separação sujeito-objeto, fato garantido pela barreira da repressão frente ao incesto e parricídio, abrem-se os caminhos necessários para o civilizatório e a inserção do homem na cultura.

Em tempos de crise, quando a proteção da repressão parece insuficiente, há como que um retorno a um tempo histórico excessivamente matizado pelo narcisismo, onde a onipotência de pensamento, característico dos povos primitivos, reproduz o borramento das diferenças, fato que por sua vez ataca o reconhecimento da alteridade. Se uma cultura viva e fortemente enraizada no sujeito social protege contra a dor do *hilflosigkeit*, é também verdade que, em épocas de crise, a humanidade volta a utilizar defesas mais rígidas e inflexíveis, fato que parece manifestar-se culturalmente, por exemplo, no reaparecimento de opções mais totalitárias, marcadas pelo pensamento fanático.

Pensando nas raízes da constituição do sujeito psíquico, cuja sexualidade e pulsão se manifestariam desde o nascimento, quando Freud escreve os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), especificamente no que diz respeito à pulsão de dominação, ele observa que a crueldade é coisa inteiramente natural do caráter infantil. Amparado na hipótese de que o exercício da crueldade é decorrência, sob determinadas condições, da pulsão de dominação, emergente

3 Desvalimento, desamparo.

na vida sexual do período da organização pré-genital, afirma: “A inibição da crueldade, em virtude da qual a pulsão de dominação se detém frente a dor do outro, a capacidade de compadecer-se, é desenvolvida relativamente tarde” (Freud, 1905, p. 175, tradução nossa). Segundo ele, isso explicaria o fato de que “[...] a ausência da barreira da compaixão traz consigo o perigo de que este enlace estabelecido na infância entre as pulsões cruéis e as erógenas resulte indissolúvel mais tarde na vida” (Freud, 1905, p. 175, tradução nossa).

Como contraponto, diz Freud, é a pulsão do saber um dos elementos que, atuando através da busca criativa do conhecimento, ou seja, na articulação da construção de representações mentais para aquelas diferenças que tendem a levar o homem à guerra pelo poder, poderia constituir-se em uma forma sublimada a essa permanente necessidade de domínio. Dito em outras palavras, a pulsão do saber, alternativa sublimatória à pulsão de domínio, ao possibilitar soluções criativas, é como uma ponte que se lança em direção ao pensamento eclético. O contrário, a desconstrução da liberdade de pensar e o retorno do fanatismo não poderiam ser vistos, em termos da cultura, como evidência de um retrocesso, uma involução, em que o psíquico vai dando lugar a funcionamentos crescentemente menos subjetivos e mais literais, em uma direção que parece, pelo menos aludir, àquela terrível experiência traumática do *hilflosigkeit*?

Em 1920 (*Além do princípio do prazer*), a partir da reconceitualização da teoria da libido, Freud postula que a pulsão de dominação é produto da mescla das pulsões sexuais com a pulsão de morte. Em seus estudos metapsicológicos, nos quais descreve o trabalho do negativo, Green (1993, 2010) vai adiante, chamando a atenção para a função desobjetalizante da pulsão de morte assim como das vicissitudes da defusão. Entendemos que a perspectiva de Green é especialmente útil para a compreensão da fenomenologia no cultural aqui descrita, já que essa defusão, a função desobjetalizante levaria à uma fragmentação do pensamento, facilitando o retorno do pensamento fanático.

Falando ainda sobre a destrutividade, mas em seu nível mais extremo, as guerras, Freud (*Considerações atuais sobre a guerra e a morte*, 1915) alerta para o balanço entre efetiva repressão, hipocrisia e retorno à barbárie: “[...] existem muito mais hipócritas culturais do que homens realmente civilizados [...]” (Freud, 1915, p. 224, tradução nossa), apesar de considerar indispensável um tanto dessa hipocrisia cultural para a conservação da cultura. Iludido com o progresso civilizatório, segue: “Por outro lado, a manutenção da cultura, ainda que sobre uma base tão duvidosa, oferece a perspectiva de preparar o caminho, em cada nova geração, para uma transformação pulsional mais ampla, portadora de uma cultura melhor” (Freud, 1915, p. 224, tradução nossa).

O tema da guerra retorna na troca de correspondências com Einstein em julho de 1932. Indagado sobre o mais imperioso dos problemas que a civilização enfrentava e os estragos que a guerra causa na humanidade, Freud aproveita para tocar na relação entre o avanço da ciência moderna e a vida pulsional do ser humano, mais especificamente sobre a pulsão de dominação e suas vicissitudes, escolhendo como vértice de abordagem a sobrevivência da civilização. Freud afirma, em forma interrogativa: “Será possível controlar a evolução mental do homem, como para colocá-lo a salvo das psicoses, do ódio e da destrutividade?” (Freud, 1932, p. 185, tradução nossa).

Se os conflitos de interesse entre os homens são resolvidos através do emprego da violência como em todo reino animal, como nos lembra Freud, então como abrigar uma visão que não fosse carregada de tons pessimistas? Assim, repetindo-se, ele traz a perspectiva filogenética para ilustrar os caminhos da pulsão nos indivíduos e na cultura, defendendo a posição de que a luta pelo poder e a necessidade de dominação são padrões atávicos da espécie. O ser humano, que após o nascimento não sobrevive sem um longo período de cuidados intensos, é também o portador de uma herança transgeracional transmitida imperceptivelmente via inconsciente. Devido à plasticidade do desenvolvimento psíquico, “[...] a lembrança pode inscrever os antigos traços [...] promovendo a regressão a estágios anteriores do desenvolvimento, o que explica a natureza narcisista da pulsão de dominação, quando predomina seu aspecto destrutivo” (Freud, 1915, p. 225, tradução nossa).

Esse tom pessimista acompanha-o até o final da vida, quando escreve *Análise Terminável e Interminável* (1937). Lastimando, lembra-se das tarefas-profissões impossíveis: analisar, educar e governar e, já preocupado com seu legado epistêmico, alude que o desejo utópico de uma civilização perfeita, sempre presente ao longo da história da humanidade, conduz inapelavelmente às crises do processo civilizatório, onde está presente, por exemplo, o fanatismo.

4 (Mais) um tempo de fanatismo

Estamos distinguindo nesse estudo o ecletismo e o pensamento eclético. No segundo, que é consequência do primeiro, tem-se a tolerância, as ações que levam à diversidade e à aceitação do diferente, nesses que são os pilares do agir democrático e do liberalismo quando transformado em práxis política. Da mesma forma, entendemos, é o pensamento fanático, intolerante e reducionista

em sua essência, que está na raiz do fanatismo⁴.

Filosoficamente se entende Ecletismo como uma arte da síntese. Trata-se de como lidar, no campo das ideias, com as diferenças, dentro de um esforço para, através das operações de juntar e mesclar, fazer avançar a interminável construção do complexo edifício do conhecimento humano a partir de elementos e doutrinas heterogêneas. Referindo-se à diferença entre o esforço criativo e a capacidade de organizar e sistematizar as diferentes ideias que vão compondo a evolução da filosofia e da ciência, Cirlot (1949) afirma que “[...] o ecletismo é não apenas conveniente, mas sim, necessário ao trabalho da crítica” (p. 95, tradução nossa), assinalando que se aquele que cria necessita estar imerso em sua própria doutrina, o crítico, ao contrário, precisa cultivar uma posição eclética, devendo, portanto, olhar para o material criativo com a necessária isenção desapaixonada. Se idealmente o papel da crítica seria o de incluir o verdadeiro e eliminar o falso, sabe-se que na prática é a adoção de postura eclética a condição para que se possa ir imaginando caminhos integradores na construção da história da “[...] trama do poder criativo da humanidade” (Cirlot, 1949, p. 96, tradução nossa).

Do ponto de vista pulsional, a questão da necessidade e capacidade de lidar com as diferenças, condição necessária à evolução do conhecimento, como nos lembra Freud, depende do interjogo, ou seja, do imbricamento entre as pulsões. “A libido tem a missão de tornar inócua a pulsão destruidora, e a realiza desviando essa pulsão, em grande parte para fora, [...] no sentido de objetos do mundo externo” (Freud, 1924, p. 204, tradução nossa). É a capacidade da libido de vincular ideias e afetos dentro das relações de objeto a salvaguarda de uma visão eclética tanto no indivíduo quanto na cultura. Por consequência, e como contraponto, o predomínio de zonas de pensamento fanático, parece-nos, pode ser considerado como evidência da ação deletéria da pulsão de morte.

Essa abordagem psicanaliticamente orientada poderia ser um subsídio para a compreensão das complexas relações de poder entre as nações? Talvez sim, na medida em que se imagina o reaparecimento do totalitarismo e do fanatismo como expressão de problemas com a simbolização no cultural. Nessa perspectiva, se o pensamento eclético seria estruturador no sentido de uma compreensão mais humanista, dir-se-ia que o pensamento fanático é obstrutivo e incentiva o uso da força para resolver as diferenças. Desde o fim da modernidade – final do século

4 Fanatismo segundo o dicionário Houaiss (2001): “[...] é o zelo religioso obsessivo que pode levar a extremos de intolerância, dedicação excessiva a alguém ou algo. O fanático é aquele que se acredita inspirado pelo espírito divino, por uma divindade, iluminado; que tem zelo excessivo pela religião; que se mostra excessivamente entusiástico, exaltado, de uma devoção quase sempre cega” (p. 1305).

XIX em diante – a humanidade experimentou um ritmo com sístoles e diástoles, ora predominando o pensamento fanático, ora se impondo o pensamento eclético.

Nos tempo de abertura, o que sobressai são os esforços para garantir os direitos individuais em uma ordem internacional que acredita na via diplomática para resolver suas diferenças. No outro, de fechamento, reaparece o totalitarismo em regimes de índole guerreira, via revolução, ou mesmo em situações que até podem iniciar pela via democrática para depois evoluir em direção à diminuição da liberdade de expressão e intolerância ao contraditório. Apenas para pontuar, após as duas grandes guerras, que eclodiram por domínio do pensamento fanático, tivemos as décadas da *guerra fria* – com a criação dos blocos de integração entre nações, do reconhecimento dos direitos das minorias, demarcando uma época de tolerância à diversidade, enfim, um período de predomínio do pensamento eclético.

Em algum ponto da História, ocorre novamente uma guinada no sentido da intolerância. Nesses últimos dez anos é notório um rearranjo nas relações entre estados-potência marcado pela volta de um discurso em sua natureza projetivo: encontra-se o inimigo, sempre externo ao regime, e progressivamente, sob a tutela de ações e palavras de ordem de cunho ultranacionalista, desautoriza-se a via diplomática e, por fim, como panaceia para todos os males, o homem volta a guerrear para resolver suas diferenças. Se fôssemos olhar para essa alternância sob uma ótica pulsional, não seria o caso de reconhecer, como pano de fundo, o predomínio ora de forças construtivas, ou seja, da pulsão de vida, ora de elementos destrutivos, a serviço da pulsão de morte?

Não se trata aqui de buscar fórmulas simplistas, dentro de uma lógica linear com relações de causa-e-efeito, e sim, de trazer esses conceitos freudianos como subsídio para poder pensar a complexidade de uma situação que não parece caber dentro da racionalidade. Em uma leitura do cultural, ainda dentro dos postulados de Freud, dir-se-ia que a diversidade, a tolerância e o pensamento eclético dependem daquela efetiva diferenciação entre sujeito e objeto que emerge apenas na triangularidade da posição edípica.

Por outro lado, quando o que prevalece é uma situação estruturada ainda dentro da indiferenciação, ou falsa diferenciação, entre sujeito e objeto, elementos característicos da posição narcisista, é quase natural visualizar-se a realidade externa sob o prisma do pensamento fanático. Como reconhecer os direitos do outro quando este não está internamente constituído? Como fazer valer os valores democráticos quando não são reconhecidos os direitos do oponente e este é transformado em inimigo? E um inimigo que não se encontra protegido

da força avassaladora dos desejos de poder ilimitado do sujeito, excessivamente ancorado no mundo narcísico?

Salienta-se aqui a relação recursiva, nos moldes como descreve Morin (1990), entre sujeito e cultura. O que está no sujeito é determinante para o acontecer na cultura e tudo aquilo que se cristaliza como traço cultural passa a influenciar fortemente o indivíduo, em ciclos sucessivos e tendentes ao infinito. Quando se formata uma cultura excessivamente narcisista, a partir da predominância do narcisismo no sujeito social? Não nos parece relevante pensar de forma linear a questão, na tentativa de artificialmente encontrar esse exato ponto cronológico. Na lógica do pensamento complexo, como lembra Morin, não se pode considerar o todo, ou as partes, de forma excludente, pois é exatamente a natureza da relação recursiva entre um conjunto de fenômenos que nos aproxima da possibilidade da compreensão da realidade histórica.

Em *A desilusão causada pela Guerra* (1915), Freud estende a noção de hipocrisia às relações entre os Estados, que “nas relações internas posam de guardiões das normas éticas” enquanto a brutalidade marca o comportamento individual de seus membros (Freud, 1915, p. 218). A irrupção dos atributos mais primitivos e sociais do humano produzem o que conhecemos como uma sensação *unheimlich*⁵, situação na qual o sujeito passa a sentir-se estrangeiro em sua própria casa. Esse fato o leva a aliar-se a forças demoníacas que ofereçam proteção frente aos perigos da vida, compensando através do uso totalitarista do poder frente aos seus semelhantes, assim como do controle frente às forças da natureza, a vivência primitiva do desamparo. Nessa atitude de negação da finitude da vida, dos terríveis efeitos da compulsão à repetição e do complexo de castração, um movimento desobjetalizante desumaniza o sujeito, tendo-se, por consequência, a transformação do ameaçador em estranho (Freud, 1923[1922], p. 81). Não é exatamente essa a questão tratada nesse estudo? Como lidar com aquele que o sujeito denota como estranho a si mesmo? E, nesse caso, daquilo que seria o antídoto necessário, ou seja, o exame das condições indispensáveis à possibilidade da representação simbólica, dentro da dimensão do sujeito social quando, contrariamente, o que se percebe é o retorno da força do primitivo? Movimento esse prenunciado pelo discurso fanático?

Para Arendt (2007), é através da capacidade de pensar e recordar que se pode criar raízes e ocupar o próprio lugar em um mundo no qual se chega como estranho. É essa humana condição que permite ao sujeito, ao estabelecer seus

5 Estranheza, semelhante à sensação de algo grandioso que se arma sorrateiramente em torno do sujeito (Hanns, 1996).

limites internos, romper com a compulsão à repetição e assim escapar do demoníaco poder da pulsão.

A difícil tarefa de permanecer no humano, segundo Sor (2010), depende da manutenção do pensamento científico e da autodisciplina, assim como da capacidade de tolerar a frustração e a aceitação do princípio de realidade. Esse autor afirma que o pensamento fanático é expressão do primitivo. É o reaparecimento no sujeito do pensamento mágico onipotente da primeira infância. O mesmo autoritarismo fanático que domina o *selfe* aparece no trato com o objeto externo, manifesta-se na cultura como fanatismo. A abolição do pensamento eclético, que gera zonas fanáticas da mente, pode, segundo ele, frente a determinadas circunstâncias, produzir o totalitarismo e até o terrorismo de Estado.

5 Algumas reflexões finais

Não se poderia considerar o fanatismo como tentativa – fadada ao fracasso – de, no presente, lidar ativamente com a dor terrível do *hilflosigkeit*, sofrido passivamente na infância primitiva? Talvez por falha na repressão, talvez relacionado a situações onde haja o predomínio da defusão da pulsão. Talvez se possa vislumbrar no fenômeno do fanatismo aquelas condições existentes naquilo que Freud descreve, em termos dos destinos da pulsão, como a transformação no oposto e no retorno ao próprio Eu.

Por força da necessidade de sobrevivência do psíquico no *hilflosigkeit*, vivências carregadas de destrutividade – masoquismo primário – que primitivamente, primeiro, foram projetadas no objeto – sadismo, depois retornam ao próprio Eu – masoquismo secundário – para finalmente, ativamente, encontrarem um novo depositário projetivo – um novo inimigo, no presente, onde o sujeito possa finalmente despejar sadicamente aquela destrutividade, da qual foi vítima passiva em experiências desencadeadas frente ao desamparo.

Assim, pelo estado de *hilflosigkeit*, a instância, ou o objeto, que internamente protege de forma incondicional exigiria, em contrapartida, lealdade e servidão totais, em uma relação com fortes características sadomasoquistas. Nessa perspectiva, sentir-infligir a dor, que se confunde com sentir-se protegido e proteger, passa a ter importância, pois ganha *status* de evidência da sobrevivência psíquica.

Em *Totem e tabu* (1913[1912]), Freud relaciona os destinos da onipotência de pensamento às três concepções do mundo na história da humanidade, a fase animista que é sucedida pela religiosa e essa, pela científica. Será na última concepção que o homem abandona a fantasia de onipotência, reconhecendo seus limites e resignando-se à morte e a outras necessidades naturais.

Em 1933 o debate é retomado, e uma *Weltanschauung*, para Freud, torna-se algo restrito a uma visão de mundo científica, relacionada a uma construção intelectual que, a partir de uma hipótese geral, soluciona de forma unitária todos os problemas existenciais, sem deixar nenhuma questão em aberto. No contexto que examinamos, para Freud, os pensamentos religioso e fanático podem confundir-se quando, a serviço da regressão à utopia narcísica, constituem-se em elemento desumanizante, já que “[...] o homem religioso representa a criação do mundo como a sua própria origem” (Freud, 1933, p. 150).

Quando aquilo que, numa comunidade humana, se faz sentir como impulso à liberdade pode representar revolta contra uma injustiça presente e, assim, tornar-se propício a uma evolução cultural, quando o interdito paterno protege dos crimes do parricídio e do incesto, é possibilitada a construção do pensamento eclético. No entanto, quando provém dos restos da personalidade original, aferrado ao “narcisismo das pequenas diferenças”, pode tornar-se fundamento da hostilidade à civilização. Portanto, “O impulso à liberdade se dirige contra determinadas formas e reivindicações da civilização, ou contra ela simplesmente” (Freud, 1930, p. 57), transformando-se no pensamento obstinado e narcísico, característico do fanatismo. Nesse contexto, o fanatismo é adversário de Eros e Ananke, representantes maiores da cultura humana (Freud, 1930).

Fanaticism: destiny of the drive. Adversary of culture?

Abstract: The authors propose to discuss the consequences of HILFLOSIGKEIT (deprivation) on the psychic constitution of the subject and its consequences in the civilizing process, relating it to fanaticism and eclecticism. They describe a possible relation between fanatical and fundamentalist thought and the drive for domination, one of the manifestations of the death drive. They refer, on the other hand, to the fact that when, through repression and sublimation, the drive for destruction is not predominant and eclectic thought develops, the individual expands his capacity for social coexistence within diversity.

Keywords: Death drive. Eclecticism. Fanaticism. Fundamentalism. Life drive.

Referências

- Arendt, H. (2007). *Responsabilidad y juicio*. Barcelona: Paidós.
- Cirlot, J. E. (1949). *El diccionario de los Ismos*. Barcelona: Libreria Editorial.
- Donskis, L. (2003). *George Orwell: anatomia do fanatismo e do ódio*. Disponível em: <http://www.eurozine.com/george-orwell-anatomia-do-fanatismo-e-do-odio/>.

- Freud, S. (1950[1895]). Proyecto de psicología. In: *Obras completas* (Vol. 1). Buenos Aires: Amorrortu, 1986.
- _____. (1905). Tres ensayos de teoría sexual. In: *Obras completas* (Vol. 7). Buenos Aires: Amorrortu, 1986.
- _____. (1913[1912]). Tótem y tabú. In: *Obras completas* (Vol. 13). Buenos Aires: Amorrortu, 1986.
- _____. (1915). De guerra y muerte. Temas de actualidad. In: *Obras completas* (Vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu, 1986.
- _____. (1920). Más allá del principio de placer. In: *Obras completas* (Vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu, 1986.
- _____. (1923[1922]). Una neurosis demoníaca en el siglo XVII. In: *Obras completas* (Vol. 19). Buenos Aires: Amorrortu, 1986.
- _____. (1924). El problema económico del masoquismo. In: *Obras completas* (Vol. 19). Buenos Aires: Amorrortu, 1986.
- _____. (1930[1929]). El malestar en la cultura. In: *Obras completas* (Vol. 21). Buenos Aires: Amorrortu, 1986.
- _____. (1933[1932]). ¿Por qué la guerra? (Einstein y Freud). In: *Obras completas* (Vol. 22). Buenos Aires: Amorrortu, 1986.
- _____. (1937). Análisis terminable e interminable. In: *Obras completas* (Vol. 23). Buenos Aires: Amorrortu, 1986.
- Green, A. (1993). *O trabalho do negativo*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- _____. (2010). *Por qué las pulsiones de destrucción o de muerte?* Buenos Aires: Amorrortu, 2014.
- Hanns, L. A. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Houaiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Morin, E. (1990). *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sor, D., & Senet, M. R. (2010). *Fanatismo*. Buenos Aires: Biebel.

Augusta Gerchmann; Carlos Augusto Ferrari Filho

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Débora Rodrigues

Recebido em: 27/04/2017

Aprovado em: 08/05/2017

Augusta Gerchmann
Florêncio Igartua, 270 / 1107
90430-010 Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: augustagerchmann@hotmail.com

Carlos Augusto Ferrari Filho
Rua Tobias da Silva, 253 / 203
90570-020 Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: augustoferrari@terra.com.br